



54 6. 26



CANCIONEIRINHO
DE
TROVAS ANTIGAS
COLLIGIDAS DE UM GRANDE CANCIONEIRO
DA BIBLIOTHECA DO VATICANO.

P R E C E D I D O
DE
UMA NOTICIA CRITICA DO MESMO GRANDE CANCIONEIRO,
COM A LISTA DE TODOS OS TROVADORES QUE COMPREHENDE
PELA MAIOR PARTE PORTUGUEZES E GALLEGOS.

F. J. ALBUQUERQUE. CORR. L.



VENNA.

TYPGRAPHIA L. E. R. DO E. E DA CORTE.

M D C C C L X X I I .

326



NOTICIA CRITICA.

Havendo encontrado em Madrid em 1857, na livraria de um Grande d'Hespanha, amigo nosso, um cancionero portuguez manuscripto, apressámo-nos, com a necessaria autorisação previa sua, a fazer delle tirar uma cópia. Nem as nossas occupações nos permittiam fazel-a pessoalmente, nem o tivemos por mui essencial, ao suspeitar, por se acharem ahi as poesias d'elrei D. Diniz taes como as publicára Moura, que o manuscripto não passava de ser um transumpto do conhecido codice 4803 da Vaticana, que então julgavamos mui correcto e de toda autoridade. Assim pois pensámos que possuindo esta cópia tal como então nos era possível obtel-a, conseguiríamos algum dia corri-

1*

gil-a pessoalmente, em presença do codice romano.

A occasião não tardou em se nos proporcionar. Havendo aproveitado de um ensejo que se nos apresentou, fomos a Roma em abril de 1858; e apenas ahi chegámos, apezar de tantas distracções, que offerece ao espirito a capital da antiga civilisação romana e da moderna civilisação catholica, não perdemos um momento em correr à bibliotheca do Vaticano, a cotejar a lição do seu codice 4803 com a da cópia que levavamos, tirada pagina por pagina, linha por linha, e letra por letra da de Madrid.

Desde logo vimos confirmadas as nossas suspeitas, ainda muito além do que pensávamos; pois advertimos que muitos erros que attribuiamos só ao exemplar de Madrid, v. gr. *figlio* por *filho*, *chiamar* por *chamar*, e outros mais marcados, se encontravam também na cópia de Roma, evidentemente feita por copista italiano pouco destro. Apezar

disso, procedemos ao cotejo do melhor modo que nos foi possivel no pouco tempo de que podiamos dispor. Resultou porém delle, incompleto como foi, a convicção de que um e outro manuscripto são incorrectos, e de que, em muitos logares, só á força de combinar o sentido e a rima e o metro com o numero de ligações que se contam em certas palavras é que algumas destas se podem ir decifrando. Isto pelo menos no que respeita às primeiras paginas do manuscripto; pois mais ao diante, ou porque o amanuense ja se achava mais adestrado, ou porque da cópia se encarregou pessoa mais competente, ha paginas, incluindo as que contém as poesias d'elrei D. Diniz, que se lêem bem. Voltaremos porém a tratar deste ponto ao descrever o codice.

Apezar dos defeitos dos dois manuscriptos, e por conseguinte da nossa cópia, depois de fazer sobre ella algum estudo, deliberámos, nesse mesmo anno de 1858,

entregál-a ao prelo, deixando lacunas nos logares que não podessemos entender.

Se a edição se tem levado então a cabo, quantas penas e quantas dúvidas não houveramos poupado ao benemerito Wolf!

Nos trabalhos preparatorios para realizar a empreza nos achavamos, quando tivemos que seguir, por ordem do Governo Imperial, para o Paraguay, residencia que não era por certo então das mais adaptadas para poder votar ás letras nenhum instante de descanso o agente do Brazil ahi residente.

Regressando ao Rio de Janeiro foi um de nossos primeiros cuidados o ocuparmos definitivamente da publicação do nosso manuscripto.

Mostrando-o a S. M. o Senhor D. Pedro 2º, bastande conhecido no mundo por seu amor ás letras, de que é tão cultor quanto lh'o permittem os cuidados e afans do governo, vimos com a maior satisfação que

o chefe supremo da hoje maior nacionalidade na lingua portugueza Se Dignou Conceder sua alta protecção para ser effeituada á sua custa, na pitoresca cidade de Petropolis por Elle fundada, uma edição condigna deste monumento quasi primitivo da nossa lingua, e da influencia nella dos antigos trovadores. As composições destes viriam, assim, do meio dos mattos virgens da outr'ora colonia portugueza a ser, com o auxilio da imprensa, propagadas nas cidades onde em mil saráus se haveriam cantado ha cinco e seis seculos. Eis a ordem, que recebemos, assignada pelo mordomo da Caza Imperial o Conselheiro Paulo Barboza da Silva, em 17 de Janeiro de 1861. „Sua Magestade o Imperador Houve por bem approvar a proposta que V... fez relativamente á impressão do inedito Cancioneiro, e determina que V... se encarregue de mandar imprimir esta obra na typografia do „Mercantil“ de Petropolis, na conformidade do

orçamento apresentado, e com os typos do modelo inclusos.“

Desta resolução demos de continuo aviso á typografia, que immediatamente fez subir os novos typos já encomendados, e dispôz que lhe fossem enviadas algumas resmas de papel, a fim de que sem demora se começasse a obra.

Porém ainda desta feita não foi possível levar-se ávante semelhante edição, em virtude das contingencias a que está exposto o litterato que é ao mesmo tempo empregado público. Não eram passados tres dias, quando recebemos do Ministerio dos Negocios Estrangeiros um despacho anunciando-nos uma transferencia para Venezuela, com ordens para seguir logo viagem. Antes assim: pois em triste collisão nos encontrariamos se uma semelhante ordem nos houvesse sido transmitida algumas semanas mais tarde, quando já tivessemos em meio a impressão da obra !

As occupações officiaes em que nos achámos desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Perú e Chile, quer nas proprias Antilhas, não nos deram muita occasião de pensar em semelhante edição, para a qual até ahi nos faltavam auxilios. Passando ultimamente á Europa, chegavamos de novo a lançar-nos á empreza, quando, com bastante fundamento, nos constou que havia uma sábia corporação, por todos os titulos mais habilitada, que se propunha a leval-a ávante, e assentámos de que, quando tanto inédito ha por publicar, não conviria, por nenhum modo, que deste sahissem a um tempo de prelos diversos duas edições, guerreando-se uma á outra, como sucedeu com o Leal Conselheiro, e ainda ultimamente com a chronica brasílica do jesuita Simão de Vasconcellos. Bem basta que nos sujeitemos uma vez a esse encontro a respeito do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, do qual pensamos offerecer ao publico, mais dia menos

dia, uma nova edição, embora a mesma sábia corporação, realise a que igualmente premedita.

Determinados (com mais razão agora que toda a nossa applicação será pouca para a dedicarmos a estudos acerca do nosso paiz) a abandonar a ideia de fazer essa edição que por duas vezes a sorte nos arrancou das mãos, nem que avisando-nos para não a acomettermos por 3^a vez, julgámos que a circunstancia de havermos pessoalmente examinado, ainda que á pressa, o manuscripto de Roma, e de conhecermos bem o de Madrid, seu espelho, e que nem todos terão proporções para ver (quando nem nos achamos autorizados a declarar quem é o seu possuidor) nos impunha o dever de publicar esta noticia, suprindo assim uma lacuna deixada por Lopes de Moura, que deu do codice uma ideia bastante imperfeita. A pequena collecção que juntamos das composições que julgamos mais caracteristicas não só completará esta noticia,

como servirá a excitar mais a curiosidade do público, para melhor receber a futura edição do mesmo Cancioneiro, que oxalá se não faça esperar muito. †)

Começam ambas as copias mui ex ab rupto, sem nenhum titulo ou prologo, com a trova de Fernão Gonçalves, que adiante publicamos sob o n. xlij. O appellido do trovador está escripto Gonsaluit: mas percorrendo o manuscripto se reconhece que o copista leu varias vezes uita syllaba ves do

†) A nova publicação poderia reduzir-se a conter umas 600 composições, se della se quizessem excluir as de D. Diniz, ja publicadas por Moura, e mais cincuenta e tres pelo menos, que se acham repetidas no Cancioneiro de Lisboa, attribuido por varias razões ao Conde de Barcellos; além das que no proprio Cancioneiro de Roma se acham repetidas, das que aqui publicamos, e de um grande numero que, por decencia e pelo respeito do editor ao publico e a si mesmo, haverá que excluir de qualquer edição não clandestina.

antigo codice. Seguem-se logo na primeira láuda duas trovas de Pero Barroso, que são as reproduzidas nas *Trovas e Cantares*, sob os n°s 231 e 232.

Vem ainda nessa primeira pagina o principio de outra canção. E' do trovador Sancho Sanchez e começa:

A minha Senhor que eu mais doutra ren
Dezejei sempre etc.

A letra do manuscrito da Vaticana é do seculo 16º; mas não portugueza nem castelhana, como se pode ver pelo fac-simile que acompanha a edição das cantigas d' elrei D. Diniz por Lopes de Moura. O papel é contemporaneo forte, de linho e não apurado; e tem por marca d'agua um cordeiro. O livro consta de 200 folhas, alem de algumas em branco.

No alto da pagina do principio, à margem do mencionada primeira trova, vê-se escripto „103;“ do mesmo modo que ao lado da 3ª mencionada trova se lê em romano

, Lxxxvj. " Esta numeração encontra-se ainda uma vez, lendo-se 87 ao lado da trova 6^a; mas logo desapparece. Porém estes dois simples vestigios acaso nos servirão a explicar a que se referiam. A primeira numeração desapparece por algum tempo; mas volta a apparecer ja no meio do codice com o n. 200, e então segue sem interrupção até o n. 300, com que acaba o Cancioneiro. Desde aquelle n. 200 por diante se acham seguidamente os outros n^{os} 201, 202, 203 etc. postos, pouco mais ou menos em cada cinco ou seis trovas, e dão a conhecer que essa numeração era a dos folios do antigo codice, e que o copista que até ali a omittira de intento, ou por descuido, segue attendendo a ella, passando-a á sua copia até o fim. Mas começaria o codice com o Cancioneiro, ou haveria antes deste algum outro tratado? Se as poesias começavam com o codice, visto que este actualmente comprehende pouco mais de mil trovas (contando as que estão repe-

tidas) e os nº de 200 a 300—somente se applicam aos antigos folios da sua segunda metade, segue-se que á primeira metade corresponderiam proximamente os outros cem numeros anteriores.

Em todo o cazo não ha dúvida que os nº 103, e, depois, 200 até 300 nos vem revelar com toda a evidencia, que o antigo codice constante de 300 folhas ja estava faltos das primeiras 102, quando delle foi tirada a cópia da Vaticana.

Pelo que respeita ao fim, não temos a menor suspeita de que esteja ahí faltos o Cancioneiro, e naturalmente o „Finis Laus Deo Semper“ que na copia se lê, depois da trova que adiante publicamos sob o num. xlij estaria tambem no original.

O exemplar de Madrid, de letra e papel mais modernos, é em tudo o mais como este. Consta porém de 272 folhas escriptas, além da 111, que vem repetida duas vezes na numeração.

Acode logo á lembrança a suspeita de se poderiam ser, desses 102 folios, que se extraviaram do primitivo codice os que no de Lisboa, em número de metade, ainda existem. Oppõe-se porém a semelhante suspeita o argumento de não serem nessas folhas designados os trovadores, segundo o sistema invariavelmente seguido no codice da Vaticana, até nas proprias canções menos dignas de publicação.

Mais natural nos parece que as taes primeiras folhas do codice fossem de assunto estranho ao Cancioneiro, embora por ventura tambem trabalho de seu collector, como julgamos ter sucedido no de Lisboa. Sendo assim, os taes numeros lxxxvj e 87 poderiam ter correspondido na primitiva só ás laudas do Cancioneiro †), e, como o se-

†) M. Grüzmacher em um artigo publicado no tom. VI do *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur*, crê (p. 352) que a nume-

guimento dessa numeração corresponde a cada tres cantigas ou trovas, se poderia colligir que ao Cancioneiro faltam oitenta e quatro laudas, ou quarenta e dois folios, que conteriam proximamente duzentos e cincuenta e duas trovas.

A cópia da Vaticana é, como dissemos, do seculo 16º, e provavelmente foi feita na propria Roma, quando certo Cancioneiro, (que cremos haver sido este de que nos ocupamos) ahi „se achou em tempo d'elrei D. João 3º“, segundo assevera Duarte Nunes na chronica d'elrei D. Diniz.

Além das mencionadas faltas provenientes da nacionalidade do copista, ha outras motivadas de não ser elle familiar com a

ração que segue no fim até 300 era continuação da lxxxvj e 87 (assim, o primeiro em romano e este em arabico). E' porém evidente o engano, visto que esta numeração corresponde a cada trez cantigas ou trovas, e a outra, de 200 em diante, admitte cinco ou seis, sem discrepar jamais.

letra do original, de modo que transcreveu muitas vezes as abbreviaturas sem as haver entendido, e trocou em semelhante transcrição algumas letras, o que melhor se advverte na repetição dos estribilhos, ou das proprias cantigas inteiras, quando se acham transcriptas mais de uma vez, como sucede a varias. Semelhantes irregularidades se notam nas repetições dos nomes dos mesmos trovadores, e ás vezes os erros passaram não só nas abbreviaturas, mas até em muitas palavras escriptas por extenso. †) Felizmente ao menos nota se que o copista ou copistas, ainda que não versados no assumpto, pu-

†) Assim o nome do grande amigo e privado d'elrei D. Diniz, ja antes correctamente designado como Stevam da Guarda passou logo a ser Steudo da Ginda, depois St. Juam da Guarda, e por fim Stevam da Guardia. E referindo-se ao mesmo soberano, as palavras „d'elrey Don“ foram lidas uma vez „lectcy D.,“ — e outra — „de heus i don“ — !

nham de sua parte bastante disvelo e consciencia, e que tratavam como de pintar as palavras que não entenderiam.

As últimas duzentas e tantas composições do fim do volume, começando por Estevam da Guarda (11º nomeado por Wolf, na pag. 705) e seguindo com todos os demais até Pedr' Amigo, de Sevilha, são geralmente de escarne o e mal dizer, e estão, uma por uma acompanhados de explicações em prosa sobre o motivo que deu lugar a cada satyra (systema não seguido antes em todo o Cancioneiro), e provavelmente formariam já por si sós um Cancioneiro á parte, re-colhido por algum curioso desse genero de composições, que ainda em nossos dias tem cultores.

Quanto á epoca em que deve ter sido colleccionado este grande Cancioneiro, reunindo-se evidentemente nelle outros menores, incluindo o d'elrei D. Diniz, não hesitamos em fixal-a ao meado do seculo 14º. — En-

contram-se ahi sem dúvida trovadores do seculo precedente, e até um anterior a elrei D. Diniz, que vitupera aos que entregaram os castellos de Cintra, Leiria, Celorico, Faria etc. ao Conde de Bolonha, protegido pelo Papa. Mas esses tão antigos são poucos, de acordo com a tradição e testimonho dos autores de nota, que estão concordes em presentear ao reinado de elrei D. Diniz†) a verdadeira propagação em Portugal da poesia em romance, que nos dois seculos anteriores se havia cultivado nas terras d'Aquitania, do Auvergne, e principalmente do Limosin, e que,

†) „Sobre estas grandes virtudes tinha o rei D. Diniz outra, porque dos seus era muito amado, que foi ser mui humano e conversavel, sem perder nada da magestade de Rei, e grande trovador, e quasi o primeiro que na lingua portuguesa sabemos escrevera versos, o que elle e os daquelle tempo começaram fazer á imitação dos Auvernos e Provençaes“ — (Duarte Nunes, Chronica dos Reis de Portugal etc.

depois de muitos desastres nesses paizes se refugiára na Provença e por fim no reino d'Aragão (Catalunha) donde bem poderiam ter passado a Portugal maior numero de trovadores com a maior frequencia de relações entre as duas Côrtes, occasionada pelo camento do mesmo rei D. Diniz com a princeza d'Aragão St^a Isabel †). A vinda de trovadores estrangeiros em seu tempo, dos quaes alguns ali tinham ficado, é muito claramente revelada na trova II desta collecção, quando o trovador jogral diz, a respeito do mesmo rei D. Diniz,

„Os trovadores que pois ficaron
En o seu reino e no de Leon.“

†) Cremos que muito boa seria a educação que lhe daria Aymerico d'Ebrard, mas não temos dados que nos autorisem a julgar que este illustre prelado fosse quem inspirasse ao rei trovador o gosto pela poesia erotica e suas consequencias.

A recollecção que nos occupa seria provavelmente feita poucos annos depois das victorias do Salado e Algeciras em 1340 e 1344. O Cancioneiro pode considerar-se como um fructo, chegado até nossos dias, da liga eminentemente politica que produziu, além d'outros resultados, o golpe mortal ás conquistas dos infieis nas Hespanhas, e livrou de todo os Portugezes de novas invasões delles em seu territorio; visto que com o poder que trazia Albohacem, segundo a fraze de Padre Mestre Florez, „parecia que ameaçava o fim a toda a Hespanha, pois que jamais se vira nella tão numerosas tropas inimigas“.

Naquella cruzada se reuniram aos Portugueses muitos outros filhos das Hespanhas, seus rivaes, como Galegos, Leonezes, Sevilhanos e varios

..... „de Laredo
De Burgos e de Victoria
E extremas de Toledo.“

Com os Portuguezes marcharam juntos muitos cavalleiros de Santiago (de Galliza), de Alcantara, de Calatrava e de S. Juan, além dos arcebispos de Santiago e de Toledo e de varios bispos.

Portugal ali mandou, com o seu rei, a flor da sua cavalaria, e toda a sua esquadra de vinte galés, refeita pelo mesmo rei Afonso 4º, depois do desbarato que sofrera no Algarve, quando o almirante de Castella Alfonso Jufré chegára a aprisionar e a levar consigo a Sevilha ao de Portugal Micer Manuel Peçanha.

A reconciliação entre os dois povos, sellada com o sangue em combate contra infieis, e com o assentimento de Alonso XI. a que o herdeiro da coroa em Portugal casasse com a infanta D. Constança (ao que antes se oppunha, por não augmentar a força moral de seus inimigos) veio a produzir certa harmonia temporaria entre os dois povos, durante a qual, na mesma Castella provavel-

mente, se organisava este Cancioneiro, que pode ter sido o proprio, que foi visto depois pelo Marquez de Santilhana em sua meninice.

Comparando-se os dois Cancioneiros de Roma e de Lisboa, nota-se neste ultimo mais unidade, no meio dos desconjunctamentos que experimentaram varios cadernos do Codice. Vê-se ahia a mão do compilador ou rapso-dista, não tanto no haver eliminado os nomes dos autores das trovas †), fazendo-se, por assim dizer, passar por autor de todas, mas na escolha das mais decentes, e principalmente na exclusão das que, pelos assumptos, não se poderiam considerar como portuguesas.

†) Não podemos associar-nos a uma opinião que foi aventada de que estes nomes se deviam ainda escrever com tinta encarnada; pois segundo se vê dos fac-similes, as letras em tinta encarnada ja se haviam escripto no codice.

Fizemos o possivel para que a collecção que ora offerecemos conservasse em tudo o caracter do grande Cancioneiro. Entre o rei que collocamos á frente della e o que a encerra com chave d'ouro, ha logar para todos, sem attenções á nacionalidade nem á graduação.

A melhores juises deixaremos o aquilatar o tal ou qual merito poetic das composições que escolhemos. De intento redusimos ao menor numero que nos foi possivel as monotonas denominadas d'amigo, que fazem o principal peculio dos dois Cancioneiros, e as quaes (imitando o nome que lhe dão os Allemães) bem poderiamos conceituar de poesia artificial.

D'elrei D. Diniz não podendo completar a inedita que se encontra em ultimo logar no codice manuscripto, unica das do mesmo rei que deixou de ser publicada por Moura, offerecemos uma das 128 conhecidas (antes 127 porque a 57^a não é

mais que uma repetição da 18^a,) porque sobre ella queremos offerecer uma pequena variante.

Ao lado do rei artista, do rei trovador, como lhe poderiam chamar os poetas, nenhuma composição devia com mais razão seguir-se que a do pobre jogral, que, depois delle morto, se lembrou de cantar as suas virtudes, a par das esperanças no reinado de seu neto Affonso XI, que por essa occasião tomava as redeas do governo.

As pastorelas do clérigo Ayres Nunes, que damos sob o n. III e IV, podem ainda hoje rivalisar com muitas das melhores poesias sentimentaes pastoris de nossos dias. Por estas e por outras, que preferimos a essas de lamuria amorosa, e em cuja selecção foi quasi exclusivo o de Lisboa, se verá que varios trovadores não desdenhavam de tirar partido das folhas e das flores de campo, recurso de que, segundo o trovador francez Thibaut de Champagne, só se aproveitavam

os que não sabiam trovar d'outros assumptos
A trova V offerece o specimen de uma satyra mais commedida na forma do que se usava naquelle tempo, segundo vemos de outras do Cancioneiro.

As coplas de João Zorro são das mais caracteristicas do Cancioneiro. Figura-se-nos que nessas singelas barcarolas se comemora a construcção por D. Affonso 4^a das galés que depois foram ser de tanto auxilio em Tarifa e Algeciras, onde o trovador parece ter-se achado em pessoa, se bem interpretamos uma de suas poesias amorosas no Salado. — A primeira de suas trovas que offerecemos é evidentemente uma balata ou canto (como a palavra o diz) para acompanhar os que bailavam.

Deixando porém de seguir com esta resenha, certos de que mais que com ella aproveitará o leitor estudando as trovas em si mesmas, nos limitaremos a observar que varias dellas e com especialidade a XXI tem

muita analogia (até na disposição dos retornellos) com uma balata usada no acompanhamento da dança prima, que conservava de memória o meu defuncto amigo Marquez de Pidal, e que foi muito admirada pelo Sr. Eug. Baret que a reproduz †).

Igualmente cremos dever chamar a atenção do leitor sobre a composição que damos d'Affonso Sanches, filho natural de D. Diniz. Era ella dos que chamavam tençom, mui parecida aos cantares ao desafio, ainda hoje conhecidos entre os camponios em Portugal, que de ordinario as entoam á desgarrada, isto é em uma toada identica ás que na Andaluzia chamam cañas, ou á que ainda hoje cantam os Arabes, quando suas caravanas estacionam no Deserto.

†) „Les Troubadours.“ 2^e édition, Paris 1867, pag. 208.

Das vinte composições que no grande Cancioneiro se dizem „d'elrei D. Affonso de Castella e Leon“, e que se attribuiram todas a Alonso X., escolhemos as tres que mais nos agradaram, e em outro logar trataremos de averiguar a quem, pelo estylo e pelo assumpto, parecem pertencer.

Encerramos a nossa collecção com a unica trova em castelhano que ha no codice. E' inquestionavelmente de Alonso XI, e da mol-a com bastante diferença, não já da incorrectissima versão publicada por Wolf †), mas de varias das indicações que para corregil-a propoz o venerando Diez ‡).

A comparação entre a que publicamos e a que dá Wolf descubrirá ao leitor a

†) Studien zur Geschichte der span. und portug. Nationalliteratur n. Berlin, 1859, pag. 707.

‡) Ueber die erste port. Kunjt- und Döspoesie n. Bonn 1863. pag. 107. Veja-se adiante, na pagina 164, a nota 50^a a esta poesia.

nova especie de paleografia, de que muitas vezes tivemos que valermos-nos para chegarmos a decifrar certas palavras, algumas vezes só por uma verdadeira inspiração, ensaiando varias syllabas, e vendo qual quadrava melhor ao verso e ao numero de ligações das letras do manuscripto.

Não faltarão escrupulosos que desejariam antes possuir essas passagens, assim erradas, como se acham. Tratando-se de um manuscripto fiel e correcto, poderia ser rasoavel a exigencia de uma cega fidelidade da parte do editor. Porém para o de que se trata, cremos que semelhante servilismo (alias mais commodo e facil para o editor) seria nada menos que absurdo, e poria muitas vezes o leitor no caso de não entender o que lia. Preferimos pois o systema de offerecer o texto correcto, segundo entendemos, e consignar em notas as competentes observações.

Quanto á orthografia, adoptamos as mesmas bases, que seguimos quando resol-

vemos pôr ao alcance de todos, sem a minima dependencia de noções paleograficas, as trovas que Stuart em 1823 fizera imprimir para mui poucos, em typos fundidos de proposito e com abbreviaturas. Essas bases se reduzem:

1º. A juntar as syllabas da mesma palavra, e a separar as evidentemente compostas de duas ou mais.

2º. A desfazer todas as abbreviaturas, a introduzir a pontuação, e a preferir, sempre quenão prejudique e altere a maneira de pronunciar, a ortografia moderna.

Deste modo distinguimos, como hoje fazemos por meio do accento o *vós*, nome pessoal, do *vos* possessivo; isto é escrevendo sempre *vós* e *vos*, em vez de *vos e vus* †):

†) O *vos* sem accento lê-se em portuguez quasi como *vus*, do mesmo modo que *amamos* se lê quasi *amamus*. Assim o uso do accento para desde logo indicar ao leitor o o bem

Pela mesma razão evitaremos o abuso do y substituindo-o nas palavras triviaes por i, e não escreveremos et a conjuncção e, como se lê com irregularidade em uma ou outra canção, provavelmente por pedantismo do copista, pois não devia ser pronunciado o t.

Igualmente escreveremos h̄a e não hunha, orthografia esta que induziria algum leitor a crer que devia ler infalivelmente u-n-h-a; quando pelo contrario estamos persuadidos que esta palavra se soletrou u n - h-a: e em todo o caso a orthografia h̄a deixa a esse respeito toda a liberdade para cada um pronunciar como julgue que pronunciaria o trovador.

Em troco destas pequenas liberdades que julgamos do nosso dever tomar, imitando

aberto, é lhe de tanto auxilio como uso da pontuação; e não haveria motivo para termos maior liberdade em admittir a introdução desta, quando falta quasi completamente no manuscripto.

a outros que nos precederam neste caminho, cremos que os apaixonados da antiguidade se darão por indemnizados, vendo as trovas em typo que imita quanto é possível o francez quasi contemporaneo, já que o original dellas se deve considerar perdido. Aos leitores que antes as desejariam em typos modernos pedimos que se resignem, ja que em seu favor cedemos em outros pontos; tanto mais quando não deixarão de reconhecer que a edição vae assim inquestionavelmente mais artistica, e que os caracteres imitando o manuscripto, pela mesma maior attenção que requerem da parte do leitor, poderão contribuir a que elle venha a restituir a algum verso a sua primeira leitura, se n'um ou n'outro lugartivermos nós indevidamente lido v. gr. *en* por *eu*, etc.

Para não invadir as trovas com prosaicas notas modernas, quando haja lugares ou passagens que as requeiram, fique entendido que o numero da canção servirá como

de chamada á competente nota que irá no fim do livro.

Juntamos a esta noticia uma lista dos trovadores contemplados no Cancioneiro, e cujo numero não deve descer de cento e quinze, dos quaes quatorze pelo menos (segundo nossos estudos até hoje) tem composições no Codice attribuido ao Conde de Barcellos. Os que comprehendemos no nosso Cancioneiro, e que são todos distintos dos mencionados quatorze, vão designados com um asterisco.

Depois do nome de cada trovador indicamos entre parenthesis o numero, pelo menos aproximado (pois algumas canções necessitam ser ainda mais estudadas para se poderem acaso melhor destacar) das trovas suas que se acham no Cancioneiro, e isto por parcellas que designam os gruppos dellas, pela mesma ordem em que estão no Codice. Os numeros que vão em italicico referem-se ás cantigas satyricas que estão no fim do vo-

lume, segundo ja deixámos dito. Em vista desses numeros reconhecerá o leitor que apenas proximamente uma quarta parte dos trovadores figura no Codice com mais de oito composições; outra quarta apenas com uma ou duas, e devemos acrescentar que ás vezes são ellas bem insignificantes. Das outras duas quartas partes, em uma proximamente contam os trovadores de sete a oito, e na outra de tres a seis composições.

Lista alfabetica

dos

Trovadores do Cancioneiro da Vaticana.

1. Alonso Mendes de Besteiros (3).
- 2.* Affonso (D.) rei de Castella e Leon (21).
Trovas 48^a e 49^a.
- 3.* Affonso (D.) XI. vencedor em Tarifa (1).
Affonso Annes (1/2). †) *Trova 50^a.*
4. Affonso Annes do (ou de) Cotom (1).
Affonso Annes de Cordu (3).
Affonso de Cotom (2+11).
5. Affonso Fernandes Cubel, Cavaleiro (1).
Affonso Fernandes (2).
6. Affonso Gomes, Jograr de Sarria (1).
7. *Affonso (D.) Lopes Bayão* (2+4+3).††)
8. *Affonso Paes de Bragaa* (5).
- 9.* Affonso (D.) Sanches, filho d'elrei D.
Denis (12). Tr. 44.

†) Vão em grypho ou italicico os nomes que se encontram no *Livro Velho das Linhagens*.

††) Lavanha 222, n. 14.

- Affonso (D.) Sanches (2).
10. Ayras Carpancho (7).
- Ayras, engeitado †) (4).
- 11.* Ayras Nunes, Clerigo (14+1). Tr.3,4 e 5.
12. Ayras Paez, Jograr (2+2).
13. Ayras Vaez (3).
14. Ayras Perez (2+8).
- 15.* Bernal de Bonaval (15+8). Tr. 21 e 22.
16. Calisteo (ou Galasteo) Fernandes (2).
- 17.* Denis (D.), rei de Portugal (128).Tr.1^a
18. Diogo Pezelho, jograr (1).
19. Estevam Coelho (2).
- 20.* Estevam Hernandes Bereto (vej. depois de 38) (1). Tr. 32.
21. Estevam Fernandes d'Elvas (4+3).
22. Estevam da Guarda (6+22).
23. Esteram Perez Froyam (Froias? Wolf Noyam e Fouam) (1).
24. Estevam Reymondo (3).

†) Será algum dos vizinhos designado pela alcunha?

25. Estevam Trabanea (Wolf Trauereia) (4).
26. *Fernam (D.) Fernandes Cogominho* † (3).
27. Fernam Froyas (Froyam?) (3).
- 28.* *Fernam Gonçalres* (1). Tr. 42.
Fernam Gonçalves (Wolf Gutierrez) de Seaura (Seabra ou antes provavelmente Senabria (1).
29. Fernam de Lugo. ††
30. Fernam Padrom (4).
- 31.* *Fernam Rodrigues de Calheiros* (8+3).
Tr. 19 e 20.
32. *Fernam (D.) Paes de Talamancos* † (3).
33. Fernam Velho (10+2).

†) Já figurava em 1261.

††) Não hesitamos em ler assim o nome do Trovador que umas vezes o copista escreveu Fernando Lago (1) outra Hernam del go (3) e outra finalmente Fernam Desquijo (5). Este ultimo nome principalmente descobre a má leitura

Desquijo
De Rugo

34. *Fernand' Eannes* (1).
Galasteo Fernandes (vej. 16) (4).
35. *Garcia Soares* (1).
36. *Gomes (D.) Garcia* (O abade) (2).
37. *Gonçalo Eannes* do Vinhal (13) ou
Gonsalo (D.) Eannes do Vinhal (9).
38. *Gonçalo Parro* (Gol Parro, Wolf) (1).
Hernandes Barreto (vej. 21).
Hernando Rodrigues Redondo (vej. Rodrigo)
(1).
- 39.* *João, jograr, morador em Leon* (2).
(Tr. 2^a.)
40. *João (D.) d'Aboim* †) (13+2).
41. *João Ayras*, (ou *D. João Ayras*) bur-
guez de Santiago (24+48+6).
- João Basquiz de Talaueyra* (vej. *João Vas-
ques de Talaveira*).
42. *João Baueca* ou *Baueza* (8+14+7).
- 43.* *João de Cangas* (2). Tr. 29^a.
44. *João Fernandes Dardeleiro* (3).

†) Calamancos — *Lir. Velho das Linhagens.*

45. *João Garcia Sobrinho* (2).
46. *João de Gaya*, escudeiro (1+5).
47. *João de Guillade* (12+20+3+8).
48. *João Lobeira* †) (1).
49. *João Lopes d'Ulhoa* ††) (7).
50. *João Mendes de Besteiros* (9).
51. *João Nunes Camanes* (5).
- 52.* *João de Requeixo* (5). Tr. 36.
53. *João Romeo* (de Lugo) (1).
- 54.* *João Servando* (3+17+4). Tr. 28.
55. *João (D.) Soares Coelho* †††) (13+12).
56. *João Soares de Gaya* (o irmão de Martim Soares) ††††) (1).
57. *João Soares de Lavanha*. (1).
- João Vasques* (4).
58. *João Vasques* (ou Basques) de Talaveira (8).

†) Já figurava em 1278.

††) Veja Lavanha 99 n. 3. *Ulho*. Liv. Velho.

†††) Senhor de Boiros: Lavanha 227 nota C.

††††) No Cancioneiro vem com esta designação, sem o nome.

59. João Velho (*f*).
- 60.* João Zorro (8). Tr. 9, 10, 11 e 12.
61. Juyão (Julião) Bolseiro (1+16). Tr. 35.
62. Lopo, jograr (3+7).
63. *Lopo* (D.) Dias†) (Liao, Wolf 1+14).
- 64.* Lourenço, jograr (1+1+7+4). Tr. 39 e 38.
65. *Martim Annes* Morinho (Wolf).
66. Martin de Caldas (6).
67. Martin Campina (2).
68. Martin Codaz (7).
- 69.* Martin Moxa ou Moya (14+2). Tr. 37 e 38.
- 70* Martin Pedrozelos* (Wolf, Padrozelos) (10). Tr. 31.
71. *Martin Perez* Alvin (5).
72. *Martin Soares* (*ff*).
- 73* Martin, de Vigo ††) (6). Tr. 23 e 24.

†) Lê-se Lias, mas há uma trova de Pero da Ponte que revela o nome.

††) Byzo (Wolf Giizo). Vigo ou Bygo.?

74. *Men Rodrigues* Tenoiro †) (8+1).
75. *Men Vasques* de Folhete (1).
- * Mendinho (1). Tr. 33.
76. *Nuno Fernandes* (Wolf, Nuno Freez) (6).
- * Nuno Fernandes Torneol (6+1) Tr. 13,
14, 15 e 16.
77. Nuno Perez Sandeu (4).
78. Nuno Poreo (1).
79. Pay (Payo) Calvo (2).
80. Pay de Cana, Clerigo (2).
81. *Pay Gomes Charinho* †) (11+7).
- 82.* *Pay Soares* (3). Tr. 26.
- 83.* *Pedro* (D.) *Conde de Barcellos* (3+7).
Tr. 45, 46 e 47.
- 84.* Pedro Amigo (12+8+4+4) Tr. 43.
Pedranez Solas (Ssocaz, Wolf) V. 87(3).
85. Pedren Salaz (Solar, Wolf: Vej. 7) (2).

†) Veja Linhagens de Lavanha 395, n. 3.

††) Foi, segundo Lavanha, almirante de Castella com D. Sancho, o bravo, que reinou de 1281 e 1295.

86. Pedro (D.) Baez † (1).
 * *Pedro Garcia Burgalez* Tr. 27. (2).
 Pedro Solar (1).
- 87.* Pereda (1) Tr. 34.
- 88.* Pero Alcobo † (Wolf e Grüzmacher :
 Meogo) (9). Tr. 41.
89. *Pero Annes Marinho* (1).
90. Pero Darmea (13+3).
91. Pero Dambroa (1+4+1).
92. Pero de Bardia (4).
93. Pero Barroso (2+7).
94. *Pero Garcia* (V. Pedro Garcia Burgalez).
 Pero Garcia Barroso (3).
D. Pero Gomes Barroso (1).
- 95.* *Pero Gonçalves de Porto Carreiro* (3).
 Tr. 17 e 18.
96. Pero Goterres, Cavaleiro (1).
97. Pero La Ronco †††) (Wolf Larouco) (2)

†) D. Pedro Paes? Vej. *Liv. Velho das Linhagens*. ††) Pero Alvelo? Idem.

†††) Pero Lourenço? Idem.

98. *Pero Mendes da* (ou de) Fonceca (5+1).
- 99.* *Pero d'Ornellas* (1+1). Tr. 25.
- 100.* *Pero da* (ou de) Ponte (7+1/2+13+1).
101. *Pero de Veez †* (3).
- 102.* *Pero de Viviães* (2+1). Tr. 40.
- 103.* *Raymon Gonçalves* (1).
104. *Rodrigo Annes d'Alvares* (1).
105. *Rodrigo Annes Rodondo ††* (1).
106. *Rodrigo Annes de Vasconcellos* (3).†††
107. *Roy Fernandes*, Clerigo (6).
Roy Fernandes (19).
108. *Roy Martins* (4).
Roy Martins do Casal (6).
- 109.* *Roy Paes de Ribela* (2+4). Tr. 30.
110. *Roy Queimado* (4).
111. *Sancho Sanches* (1).
Sancho Sanches, clérigo (7).

†) Pensamos primeiro se seria este o seguinte em abbreviatura; mas achamol-o por vezes escrito do mesmo modo, pelo que duvidamos.

††) Lavanha 231, 55.

†††) Lavanha 305, n. 11.

112. *Vasco Gil* (1).
113. *Vasco Peres* (3).
114. *Vasco Peres Pardal* (6).
115. *Vasco Praga de Sande* (4).
116. *Vasco Rodrigues de Cavelo* (4 + 9)
Vasco Rodrigues de Caludo (2).

Deixamos de numerar alguns nomes, quando suspeitamos que eram elles dos mesmos individuos ja designados de outro modo. Neste caso está o de Ayras Engeitado, que bem pode ter sido em um logar citado pela alcunha, e n'outro pelo verdadeiro apellido. Assim é mui possivel que no catalogo real delles haja que acrescentar um ou outro mais; porém nunca tantos que faça elevar o numero a cento e vinte e sete distinctos, como suposseram Wolf e Diez. Wolf deixou de fazer menção de Pero Annes Marinho ; mas em cambio trata de um Martin Annes Morinho e um Caldeyrom de que não encontramos vestigio na nossa copia, e não tivemos meio de fazer averiguar em Roma.

Quanto aos nomes Affonso Annes, Affonso Annes do (ou de) Cotom, Affonso de Cotom e até o proprio Affonso Annes de Cordu temos por mais que provavel que todos se referem ao mesmo trovador, — o celebre Cotom, filhado †) por D. Pedro, que, segundo um rei de Castella trovador, merecia ser por isso enforcado. Os seguintes versos de uma trova do mesmo Cotom nos revelam a sua residencia:

„As minhas jornadas vedes quaes son:
„Meos amigos mentem de femença;
„De Castr'a Burgos e end'a Palença
„E de Palença sair m'a Carrion,
„E end'a Castro“ etc.

Cumpre-nos acrescentar que entre as composições, que deviam fazer parte desta collecção se comprehendiam mais duas de Pero Alcobo, mais outra de Affonso Sanches,

†) **Trovas e Cantares** — Novas paginas de notas pag. 379.

e uma de Estevam Coelho, as quaes nos apressámos a recolher (depois de estarem na imprensa) apenas fomos informados de que ja se achavam publicadas como amostra, com outras dez mais, no Annuario da litteratura romance e ingleza, de Leipzig. Apenas conservamos uma das de Pero Alcobo (ahi chamado Meogo) por nos parecer mais bella, e por que a reproduzimos mui differente mente, restaurada com o auxilio da critica, que nos obrigou a ler no fim do primeiro verso *velida*, assoante de *fria*, e não *nena* †) que nada significa; a ler igualmente *volvian* em vez de *voluan*, para buscar o assoante de *fria* na terceira copla, e a reconhecer pelo sentido que se deve ler *mentiz* em vez de *mentir*, na quinta e sexta coplas, e finalmente a conservar tal qual a encontramos no manuscripto a ultima

†) *nena*
uelida

palavra da quinta copla, e da qual nos ocuparemos em uma nota final.

Essa cantiga é dialogada: a māi se mostra incommodada porque a filha se demorou na fonte, e cada vez que uma ou outra fala, o trovador exclama no estribilho o seu triunfo, no meio da desintelligencia da amada com a māi.

E' quanto julgamos conveniente comunicar ao publico com respeito ao importante Cancioneiro da Vaticana; deixando somente de repetir aqui quanto publicámos nas „novas paginas“ de notas ás „Trovas e Cantares,“ isto é á edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, attribuido ao Conde de Barcellos.

Se em alguma noticia ou apreciação desacertamos, no juizo dos entendidos, pedimos ao publico benigna indulgência.

F. A. de V.

TROVAS

¶

CANTIGAS.

4

1 — Elrey D. Denis

11 — João, jogral morador em León.



I.

v' oj' eu cantar d'amor,
En hum tremoso vergeu,
Hua tremosa pastor,
Que, ao parecer seu,
Ja mais nunca lh'y par vi;
E porei dixe - lh' assi:
— Senhor por vosso vou eu. —

Tornou sanhuda enton,
Quando m'est' oyu dizer.

El diss': „ide - vos varon:
„Quen vos foi aqui trager
„Para m'irdes destorvar
„D'u dig' aqueste cantar,
„Que fez quen sei ben querer?“

— Pois que me mandades ir,
— (Dixe-lh'eu) senhor, ir-m'ei;
— Mais ja vos ei de servir
— Sempre por voss' andarei,
— Ca voss' amor me forçou;
— Flessei que por vosso vou
— Cujo sempr 'eu já serei. —

Diz ela: „non vos ten prol
„Esso que dizedes, nen
„Mi pray de o oýr sol,

„Ant' ei noj' e pessar en;
„Ca meu coraçon non é,
„Nen será, per boa fé,
„Senon do qu'eu quero ben“.

— Nen o meu, dixe-lh' eu, ja
— Senhor, non se partirá
— De vós, por cujo s'el ten.

„O meu (diss' ela) será
„U foi sempre, u está,
„E de vós non curo ren“.





II.

Des namorados que troban d'amor
Todos devian gran dô fazer,
E non tomar ensin' en haver prazer;
Por que perderon tan bon senhor
Com' elrei D. Denis de Portugal,
De que non pode dizer nenhum mal
Home, pero seja profazador.

Os trovadores que pois ficáron
En o seu reino e no de Leon,
No de Castela, no de Aragon,
Nunca pois de sa morte trováron;

É dos jogratos vos quero dizer
Nunca cobraron panos, nem aver,
E o seu ben muito desejaron.

Os cavaleiros e cidadãos
Daqueste rei avian dizer:
E se devian con sas mãos poer,
Outrosi donas e escudeiros,
Que perderon a tan bon senhor,
De quen posso eu ben dizer, sen pavor,
Que non ficou d'el nos Christãos.

É mais vos quero dizer deste rei
E dos que d'el avian bem fazer;
Deitando-se este mundo a perder
Quand' el morreu; por quant' eu vi e sei

Ca el for rei á fam' mui prestador,
E saboroso, e d'amor trobador,
Todo seu ben dizer non poderei;

Mais tanto me quero confortar
En seu neto, que o vai semelhar,
E facer feitos de mui sábeo rei.



iij, iv, v — *Hyras Nunes, Clerigo*

vi, vij, viij — *João Hýres.*



III.

Y oy eu húa pastor cantar;
Eu cavalgava per húa ribeyra,
E a pastor estaba senheira:
E ascondi-me pola ascurtar;
E deixia mui ben este.cantar:

„Sob' o ramo verde froledo,
Vodas fazem a meu amigo
Choram olhos d'amor!“

É a pastor parecia mui ben,
É chorava, e estava cantando :
É eu, mui passo, fui me achegando
Pola oȳr, e sol nam falei rem ;
É dezia este cantar mui ben :

„Aȳ estorninho do avelanal !
Quando cantades vós, moir' eu ;
É pen', e d'amores ei mal.“

É eu oȳa suspirar enton,
É queixar-se, estando con amores ;
É fazia guirlanda de flores,
Des ȳ chorava, mui de coraçon ;
É dezia este cantar enton :

„Que coita ei tan grande de sofrer !
Amar amigu', e non ousar veer ;
E pousarei sob' o avelanal.“

Pois que a guirlanda fez a pastor,
Foi-se cantando, indo-s' en manselinho ;
E irei m'eu logo a meu caminho,
Ca de a nojar non ouve sabor ;
E dezia este cantar ben a pastor :

„Pela ribeira do río cantando
Ja la sigue d'amor, quen amores,
A', como d'osmas ai nela frol.“





IV.

Que muito m'eu pago deste verão,
Por estes ramos, e por estas frótes,
E polas aves que cantan d'amores;
Per que ando ý ledo, sen cuidado:
E assi faz tod' omen namorado,
Sempr' ý anda led', e mui loução.

Quand' eu passo per algúas ribeyras
Con boas arbores, per bons prados,
Se cantan ý passaros namorados,

Qogu' eu, con amores, jy vou cantando
E log' assi d'amores vou trobando,
E faço cantares en mil maneiras,
E ei eu gran ris' e grand' alegria,
Quando m'as aves cantan no estio.





V.

Por que no mundus mengou a verdade
Punhei un dia de a ir buscar,
E lh' y per ela fui preguntar:
Disseron todos, allur a buscade;
Ca de tal guisa se foi a perder
Que non pode mas en novas aver,
Nen já non anda na yrmandade.

Nos moesteiros dos frades regrados
Al demandei, e disseron m'assi:
Non busquedes vós a verdad' aqui,

Ca muitos annos avemos passados
Que non mor' en nosco, per boa fé;
· · · · ·
E d'al avemos maiores coidados.

E en Ostel ū verdade soia
Sempre morar, disseron me que non
Morava y, avia gran saxon;
Nen frade se y já non conocia,
Nen o abade us' y non estar;
Sol non queria que foss' y pousar,
E anda já fóra da abadia.

En Santiago subalbergado,
En mha pousada, chegáron romeus
Preguntei-os e disseron par deus
Muito levade lo camin' errado

Ca se verdade quiserdes achar
Outro caminho convem a buscar
Ca non saben aqui de demandado.





VI.

Pelo sounto de Crexente
Húa pastor vi andar,
Muit' alongada de gente,
Alzando voz á cantar,
Apertando-se sa saia,
Quando sayá a rata
Do sol, nas ribas do mar.

*E*as aves que voavan,
Quando sayá, canções
Todas de amor cantavam,
Pelos ramos d'arredor;

Mais non sei tal que estevesse
Que en al cuidar podesse
Se non todo en amor.
Enpero dix', a gran medo:

— *Mha senhor fallar vos ei*
Hum poco, se m' ascuitardes
E it m.ei quando mandardes,
Mais aqui non estarei. —

"Senhor por santa Maria
"Non estedes mais aqui;

„Mais ide vos vostra via,
„Faredes medida y:
„Ca os que aqui chegaren,
„Pois que vos aqui acharen,
„Ben dirán que mais ouvi.“





VII.

Meu senhor rei de Castela
Venho m' eu vos querelar :
Eu amer húa donzela
Por que m' ouvistes trobar ;
O con quen se foi casar,
Por quanto eu la bendixi,
Quer m' ora por en matar.

Venh' ora por en direito
E queix', per ante vós dar :
El ouve de mi dispeito,
E mandou-me desafiar :
Non me osei alá morar.

Venh'a vós que m' enparedes ;
Ca non ei que m' enparar.

Senhor ! per Sancta Maria,
Mandad ante vós chamar
Ela e min, algum dia :
Mandade-nos razoar ;
Se s'ela de mi queixar
De nulha ren, que eu dissesse :
A sa person' quer' eu tuar.

Se mi justiça non val,
Ante Rei justicero,
Ir-m hei ao de Portugal.



VIII.

H
ña dona (non digu' eu qual)
Non agoitou ogano mal,
Polas oitavas de Natal.

Ja por sa missa oyrt
E viu corvo Carnaçal
E nom quiz' da casa sayr.

A dona mui de coraçon
Oyra sa missa enton;

¶ for por oýr o sermon,
¶ veedes que lhe soy' partir.
Ouve signa corvo Caron
¶ non quiz'da casa sayr.

A dona disse que será?
¶ y o dosign' está já;
Revestida, mal dixer.m'.á,
Se me na igreja non ir;
¶ dis' o corvo qua cá,
¶ non quiz'da casa sayr.

Nunca taez agoitos vi
Des aquel dia que naci;
Com' a quest' ano ouv' aqui;

¶ cla quiz provar de s'ir,
¶ ouvý corvo sobre si
¶ non quiz' da casa saýr.



IX, X, XI, XII — João Zorro.



Ix.

Bailemos agora, por deus, ai velidas,
So aquestas avelaneiras frolidas;
E quem for velida, como vós velidas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas
Verrá bailar!

Bailemos agora, por deus, ai loadas,
So aquestas avelaneiras granadas;

E quem for loada, como vós loadas,
Se amigo amar,
Só aquelas avelaneiras granadas,
Verrá bailar !





X.

rei de Portugal
Barcas mandou lavrar:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

Elrei portuguez
Barcas mandou fayer:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

Barcas mandou lavrar
E no mar as deitar:
E lá irá nas barcas migo,
M'ha filha, o voss' amigo!

Barcas mandou fazer,
E no mar as meter:
E lá irá nas barcas migo,
M'ha filha, o voss' amigo!





XI.

*En Qixboa, sobre lo mar,
Barcas novas mandei levar:
Ai mba Senhor velida!*

*En Qixboa sobre lo ler
Barcas novas mandei fayar:
Ai mba Senhor velida!*

*Barcas novas mandei levar
En o mar as mandei deitar:
Ai mba Senhor velida!*

Barcas novas mander fazer,
E no mar as mander meter;
Ai mba Senhor velida!





XII.

*Pela ribeira do rio Salado
Trebelhei, madre, co' meu amigo
Amor ei migo,
Que non ouvesse;
Fiz por amigo,
Que non fezesse.*

*Pela ribeira co' meu amado
Trebelhei, madre, co' meu amado:*

*Amor ei migo,
Que non ouvesse;
Eiz por amigo,
Que non fezesse.*



XIIJ, XIV, XV & XVI — Nuno Fernandes
Torneol

XVII & XVIII — Pero Gonçalves de Porto
Carreiro.



xiii.

Que coita tamanha ei a sofrer
Por amar amigo e non o veer;
E pousarei so lo avelanal.

Que coita tamanha ei endurar
Por amar amigo e non lhe falar;
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non lhe falar,
Non lh'ous' eu a coita que ei mostrar;
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non veer,
Non lh' oue' eu a coita que ei dixer;
E pouarei so lo o avelanal.

Non lh' oue' eu a coita que ei dixer,
E non me dan seus amores lezer;
E pouarei so lo avelanal.

Non lh' oue' eu a coita que ei mostrar,
E non me dan seus amores vagar;
E pouarei so lo avelanal.



XXIV.

XXIV.



*L*evad' amigo, que dormides as manhanas frias,
Todas las aves do mundo d'amor dizian:
Queda m' and' eu!

*Levad' amigo, que dormides as frias manhanas,
Todas las aves do mundo d'amor cantaiam:
Queda m' and' eu!*

Todas las aves do mundo d' amor díxian
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Qeda m' and' eu!

Todas las aves do mundo d' amor cantarian:
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Qeda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oram:
Qeda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oram:
Qeda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam:
Reda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam:
Reda m' and' eu!

Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oram,
E lhes secastes as fontes en que beviam:
Reda m' and' eu!

Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam,
E lhes secastes as fontes ú se banhavam:
Reda m' and' eu!



xxv.

V
eje' eu mba madr' andar
As barcas en o mar;
E moiro-me d'amor!

Fui eu mba madre veer,
As barcas en o ler;
E moiro-me d'amor,

As barcas en o mar,
E for-las a guardar;
E moiro-me d'amor!

As bacas en o ler,
E folhas atender;
E moiro-me d'amor!

E folhas á guardar,
E non o pude veer;
E moiro-me d'amor!

E non o acher y,
Quen eu por meu mal vi;
E moiro-me d'amor!





XVI.

A qui veio, filha, o voss' amigo
O porque vos baralhades migo;
Delgada!

Aqui veio, filha, o que amades,
O porque vos migo baralhades;
Delgada!

O porque vos baralhades migo.
A que tolh' eu ben, pois é voss' amigo.
Delgada!

O porque vós migo baralhades
Quero lh' eu ben, pois qu' o vós amades.
Delgada !





xvij.

Dor deus, coitada sigo,
Pois non ven meu amigo;
Pois non ven, que farei?
Meus cabelos, comigo,
Eu non os liarei.

Pois non ven de Castela
Non é viv', ai mescla
. elrei
Mais, toucas da Estela,
Eu non vos tragerei.

Pero m' eu led a semelho
Non me sei dar conselho
Amigas que farei?
En vós, ai meu espelho,
Eu mais non me verei: !





xviii.

O anel do meu amigo
Perdi-o so lo verde pino:
E chor' eu bella!

O anel do meu amado
Perdi-o so lo verde rayão:
E chor' eu bella!

Perdi-o so lo verde rayão;
Poren chor' eu dona d' algo:
E chor' eu bella!

Perdi o so lo verde pino;
Poren chor' eu Dona Vigo:
E chor' eu bella!



XIX e XX — Fernão Rodrigues de Galheiros.

XXI e XXII — Bernal de Bonaval.

XXIII e XXIV — Martin de Vigo.



XIX.

Perdud' ei, madre, euid' eu, meu amigo,
Macar m' el viu sol, non quiz falar migo;
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu:

Macar m' el viu sol, non quiz falar migo
Eu vi-o, fiz que non, por seu castigo:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu:

Eu vi-o, fiz que non, por seu castigo,
Que ora, quando digo:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

E sei m' eu tanto' qual ben m' el querria
Que non meti mentes no que fazia:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

Que non meti mentes no que fazia
E fiz pezar a quem m' o non faria:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

El fiz peçar a quem m' o non faria
E tornou s' en sobre mi a folia
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.



XX.

Direi-vos agora, amigo,
Camanho tempo passado,
Que non pude veer couxa,
Onde ouvesse gasalhado,
Des que vós de mi partistes,
Ta aora que me vistes.

Des oj' mais andarei leda,
Meu amigo, pois vos vejo
Qu' a muito que non vi couxa
Que me tolhesse o dexejo,
Des que vós de mi partistes
Ta aora que me vistes.

Des oj' mais non vos vaades
Se amor queredes comigo,
Ca jamais non ar foi ledo
Meu coraçon, meu amigo,
Des que vós de mi partistes,
Ta aora que me vistes.





XXI.

Fremosas, a deus grado,
Tan bon dia comigo
Ca novas me disseron
Que ven o meu amigo:
Que ven o meu amigo
En tan bon dia migo!

Tan bon dia comigo
Fremosas, a deus grado,
Ca novas me disseron

Ca vem o meu amado.
Fremosse, a deus grado,
Ca vem o meu amado !

Ca novas me disseron
Que vem o meu amigo ;
C' and' eu mui ledo,
Pois tal manda dei migao,
Pois tal manda dei migao
Que ven o meu amigo.

Ca novas me disseron
Que ven o meu amigo :
C' and' eu mui ledo,

Eu cuido sempre no meu coraçon ;
Pois non cuid' al, des que vos vi,
Senon en meu amigo,



xxi.

Fremosas, a deus grado,
Tan bon dia comigo
Ca novas me disseron
Que ven o meu amigo:
Que ven o meu amigo
En tan bon dia migo!

Tan bon dia comigo
Fremosas, a deus grado,
Ca novas me disseron



— — —

— —

— —

— — —

— —

— —

— 15

—

— —

— —

— —

— —

— n ;

— n

—

— et ;

— t

— s

E d' amor sei que nulh' ome ten,
Pois mig' é, tal mandado:
Que ven o meu amado:





xxII.

Diss' a tremosa en Bonaval assi;
Ai deus! U é meu amigo daqui
De Bonaval.

Quyd' eu coytad' en o seu corazon;
Porque non foi migo na sagrayon
De Bonaval.

Pois eu migo seu mandado non ei;
Ja m' eu ledia partir non poderei
De Bonaval.

Pois m' oje seu mandado non chegou,
Mutto viv' eu mais ledas, ca me vou
De Bonaval.



xxIII.



*M*ha irmána tremosa,
Iredes comigo
A la Igreja de Vigo,
U é o mar salido:
E miraremos las ondas . . .

*M*ha irmána tremosa,
Iredes de grado
A la Igreja de Vigo,
U é o mar levado:
E miraremos las ondas . . .

A la Igreja de Vigo
E' o mar salido:
E verrá y madre
O meo amigo:
E miraremos las ondas . . .

A la Igreja de Vigo
E' o mar levado:
E verrá y madre
O meo amado:
E miraremos las ondas . . .





XXIV.

Non poss' eu, madre, ir a Santa Cecilia,
Ca me guardades a noite e o dia
Do meu amigo.

Non poss' eu, madre, ver gasalhado,
Ca me non leixades fayer mandado
Do meu amigo.

Ca me guardades a noit' e o dia;
Morrer.vos.el con aquesta perfia,
Por meu amigo.

Ca me non deixades fayar mandado,
Morrer.vos.ei con aqueste cuidado
Por meu amigo.

Morrer.vos.ei con aquesta perfia ;
E se me deixassedes ir, guerrria
Com meu amigo.

Morrer.vos.ei con aqueste cuidado ;
E se quiserdes irei, mui de grado,
Com meu amigo.



- xxv — Pero d' Ornelas
xxvi — Pay Soares
xxvii — Pedro Garcia, Burgales
xxviii — João Servando
xxix — João de Gangas
xxx — Ruy Paez de Ribela.

xxv.

Nostro Senhor e ora que será
Daquel' que sempre cotado viveu
E vive? Cuidará poren ser sandeu;
Ca sabe ben que nunca perderá
Esta corta, ca non quer sa Senhor.

E que será do que quiz mui gran ben,
E quer aquen lh' o non quer gradecer,
Non lhe quer, por ende outro ben fazer?
E sabe que non perderá, per ren,
Esta corta, ca non quer sa Senhor!

¶ que será do que sempre servir
Senhor que lhe quiz e quer poren mal
¶ nunca lhi pois quiz fazer al?
¶ que nunca desi pôde partir
Esta coita ca, non quer sa Senhor?

Nostro Senhor e ora que será
Daquel' que sempre coitado viveu
¶ vive? Cuidará poren ser sandeu;
Ca sabe ben que nunca perderá
Esta coita, ca non quer sa Senhor.





XXVI.



meu amigo que me dizia
Que nunca mais migo viveria
Por deus donas aqui é ja !

Que muito m' el havia jurado
Que me non visse, mais, a deus grado,
Por deus donas aqui é ja !

O que juraba que me non visse,
Pero non sei todo quant' el disse,
Por deus donas aqui é ja !

Melhor fez ca o non disse:
Por deus donas aqui e ja!





xxvii.



Ai madre ! Ben vos digo,
Mentiu m' o meu amigo :
Sanhuda and' eu !

Do que m' ouve jurado ;
Pois mentiu, per seu grado,
Sanhuda and' eu !

Non foi oje sa via ;
Mais ben, des' aquel dia,
Sanhuda and' eu !

Non e' de mi partido;
Mas, porque m' a mentido,
Sanhuda and' eu!





xxviii.

Ora van a San Servando
Donas fayer romaria,
E non me deixam com elas
Ir, ca log' alá iria;
Porque ven y meu amigo.

Se eu foss' en tal companhia
De donas, fôra guarida;
Mais non quiso mha madre,
Que fixess' eu de la ida.
Porque ven y meu amigo.

Tal romaria de donas,
Vai alá, que non á par,
E forá oj' eu com elas,
Mais non me queren leixar;
Porque ven y meu amigo.

Nunca me ame madre mis,
Se d'ela non for vingada;
Porque oj' a San Servando
Non vou, e me tem guardada;
Porque ven y meu amigo.





xxix.

 *A*migo, se me grande ben queredes
Id e a San Mamede, veer-m'edes
Oje, non me y mancades amigo.

Pois m'aqui ren non podedes dixer,
Id' u ajades comigo lazer
Oje, non me y mancades amigo.

Sereis vós en São Mamede do mar
Na ermida, se me o deus aguisar,
Oje, non me ý mancades amigo.





xxx.

Mala ventura me venha
Se eu pola de Belenha
D' amores ei mal.

E confonda-me San Marcos
Se pola Donzela d' Arcos
D' amores ei mal.

Mal me venha cada dia
Se eu per Dona Maria
D' amores ei mal.

Fernand' Escalho me pique
Se eu pola de Vilh' Antrique
D' amores ei mal.



XXXI.

Por deus que vos non pes,
Mha madre, mha Senhor,
D' ir a San Salvador
Ca si oje ý van tres
Fremosas, eu serei
A húa, ben o sei.

Por fayet oraçon
Quer' oj' eu alá ir;
E por vos non mentir
Se oj' ý duas son
Fremosas, eu serei
A húa, ben o sei.

Ye' meu amig' ay!
Madre ilo.ei veer,
Por lhe fazer prazer:
Se oj' y hua vai
Fremosa, eu serer
A hua, ben o sei.



XXXII.

Stev' Ganes! Por deus mandade
A Roy Pa... logo este dia,
Se quizer ir a Santa Maria,
Que se non vaa pela Trindade;
Ca me dizen que lh' y tem Fernanda
Cilada feita pela gafaria.

S'a romaria fazer quizer,
Como a sempre fazer soyá,
Outro caminho tante todavia;
Ca o da Trindade non lh' é mester;
Ca me dizem que Fernanda lhi quer
Meter cilada pela gafaria.

É cada . . . que el ven a Santarem
Sempre alá vai fazer romaria;
Do da Trindade porem que soyá
D' ir, mandade que se guard' el mui ben;
Ca me dizen que Fernanda lhi ten
Cilada feita pela gafaria.





xxxiii.

*S*eria.m' eu na ermida de São Simon
Gercaron.m' as ondas que grandes son:
E eu atendend' o meu amigo
E eu atendend' o meu amigo ! ...

Gstando na ermida ante o altar,
Gercaron.m' as ondas grandes do mar:
E eu atendend' o meu amigo ..
E eu atendend' o meu amigo ! ...

Cercaron-m' as ondas que grandes son
Non ei barqueiro nem remador :
E eu atendend' o meu amigo...
E eu atendend' o meu amigo!...

Cercaron-m' as ondas do alto mar
Non ei barqueiro, nem sei remar !
E eu atend' o meu amigo...
E eu atend' o meu amigo!...

Non ei barqueiro nem remador !
Morreterei, tremosa, no mar maior :
E eu atend' o meu amigo...
E eu atendend' o meu amigo!...

Non ei barqueiro nen sei remar:
Morrerei, tremosa no alto mar
E eu atendend' o meu amigo . . .
E eu atendend' o meu amigo ! . . .





xxxiv.

Mort é Non Martin Marcos:
Ai deus se é verdade,
Sei ca, s' é ele moto,
Morta é torpidez,
• • • • •
E morta é, cuidade,
Morta é covardia,
E morta é maldade.

Se Don Martin é morto
Sempre ten sa bondade ;
Oje mais, máos costumes,
Otro senhor catade !
Mais non o acharedes,
De Roma acá andade.
Se tal senhor queredes,
Alhures demandade

Pero chus, cavaleiros,
Sei eu, en caridade,
Que vos avidaria
Tolher d' el soydade ;

• • • • •

Mais que vos diga ben verdade
Non est rei nen conde,
Mais outra potestade,

*Que non direi
Que . . . direi . . .
Que non direi.*





XXXV.

Fez húa cantiga d'amor
Ora meu amigo por mi,
Que nunca melhor feita vi;
Mais como x' é mui trobador,
Fez húas lirias no son,
Que mi sacam o coraçon.

Muito bem se soube buscar
Por mi, ali, quando a fez,
En loar-me muit' en meu prez;

Mais de pran por xe mi matar,
Fez húas lirias no son,
Que mi sacam o coraçon.

Per boa fé, ben baratou
De a por mi bôa fazer,
E muito lh' o sei gradecer;
Mais vedes de que me matou:
Fez umas lirias no son,
Que mi sacam o coraçon.





xxxvi.

Hui eu madr' en romaria
A Faro, con meu amigo,
E venho d' el namorada;
Por quanto falou comigo:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.

Leda venho da hermida,
E desta vez ledia serei;
Ca falei a meu amigo

O que sempre desejer:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.

D' u m' eu vi co' meu amigo
Vin ledas, deus me perdon,
Ca non lhi cuid' a mentir,
Por quanto m' el diss' enton:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.



xxxviij — Martin Moxa

xxxviiij — Atribuida uma vez a Moxa
e outra ao que segue:

xxxix — Lourenço jograr

xl — Pero de Viviães

xlj — Pero Alcobo

xlij — Fernam Gonçalves

xliij — Pedr' Amigo.

XXXVII.

D
er quant' eu vejo
Penso e desejo
Ei cortas, pesar,
Buscando u sejo
O cõr m' estã rejo;
Que me faz cuidar
Ca pois Franquesa
Proesa

Venecu Escacea
Non sei que pensar.
Vej' eu Malesa,
Malesa
Peresa, Sotilesa
O mundo tornar.

Já de verdade,
Nen de lealdade
Non ouso falar:
Ca falsidade,
Mentira e maldade
Non lhi dan logar.
Estas son nadas
E criadas
Eeventuradas
E queren reinar!

As nossas fadas
Jradas
Són chegadas
Per este fadar.

Qouvan' as antes:
E, per sitiántes
Amores e poder
Huns joglares
Sus nobres falares
Soyam dezer.
Vej' alongadus
Deitados
Do mundo, i vedadus
E a se perder;
Vej' achegadus
Qoadus

De muitos amados
Os de mal dizer.

Pela crençia
Per que se soyá
Todo ben reger,
Par cortesia
Solas que avia
Fremoso poder.
Quand' alegria
Vevia
No mundo, fayia
Muit' al que prazer.

Foi-se a via;
E desia,

— 471 —

Gada dia
Ei de falecer

D' ar que valia
Compria
Seu tempo,
Fogia
Partia
A esconder.





xxxviii.

Vós que soedes en Corte morar,
D'estes privados querria saber
Se lhes hade privança muito durar;
C'a os non vejo dar, nem despender,
Ante os vejo tomar e pedir;
E o que lhes non quer dar ou servir,
Non pode ren com elrei adubar.

D'estes privados non sei novelar,
Senon que lhes vejo mui gran poder;
E grandes rendas e casas guaanar,

É vejo os grandes muito empobrecer
É con proveza da grassa cayr.
É ha elrey sabor de os ouvir,
Mais eu non sei que lhe van conselhar.

Sodes de Gorre, e non sabedes ren
Ca mester faz a cad' ome que dé,
Pois a' Gorre per lidiar algo ven;
Ca se dar non quer, per seu sabor é,
Pois na Gorre home non livra por al,
Pense de dar, non se trabalhe d' al;
Ca os privados queren que lhes deen.





XXXIX.

Tres moças cantavam d'amor,
Mui fremeosas mbas pastores
Mui cortadas dos amores:
E disse húa, mha senhor,
"Dised' amigas comigo
"O cantar do meu amigo".

Todas tres cantavan mui ben,
Come moças namoradas;
E dos amores cortadas,
E disse a porque perc' o sen
"Dised' amigas comigo
"O cantar do meu amigo".

Que grande sabor eu avia
De as oýr cantar enton,
E proguermi de coraçon
Quando mha senhor dixia:
„Dised' amigas comigo
„O cantar do meu amigo.

E se as eu mais oyssse
A que gran sabor estava
E que muito mi pagava
De como mha Senhor disse:
„Dised' amigas comigo
„O cantar do meu amigo“.





xx

Dois nossas madres van a San Simon,
De Val de Prados candéas queimar,
Nós as meninas punhemos d' andar
Con nossas madres, e elas enton
Queimem candeas per nós e per si,
E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos todos la irán
Por nos veer; e andaremos nós
Bailando ant' eles, fermosas, sós;

— cxiii —

¶ nossas madres, pois que alá van,
Querim e candeas per nós e per si
¶ nós meninas bailaremos ý.

Nossos amigos irán per coustir
Como bailamos, e poden veer
Bailar moças de bon parecer,
¶ nossas madres; pois la querem ir,
Querim e candeas per nós o per si,
¶ nós meninas bailaremos ý.





xxi.

Digades filha, mha filha velida,
„Porque tardastes na fontana fria?“
Os amores ei! —

Digades filha, mha filha louçana,
„Porque tardastes na fria fontana?“
Os amores ei! —

Tardei, mha madre, na fontana fria,
„Cervos do monte a augua volviam.“
Os amores ei! —

— cxv —

, Tardei, mha madre, na fria fontana,
, Cervos do monte volviam a augua“.

Os amores ei! —

, M^entis, mha filha, mentis por amigo
, Nunca vi cervo que volvesse a río“.

Os amores ei!

, M^entis, mha filha, mentis por amado,
, Nunca vi cervo que volvess' alho“.

Os amores ei! —



xxii.

(D)uttos vej' eu que, con gran mengua de sen,
An gran favor de me dixer pezar,
E todos los que me veen preguntar
Qual est a dona que eu quero ben:
Vedes que sandez é, que já loucura
Non catan, nem ar catan mesura;
Nen catan mi, a que non pesa mui ben.





xvii.

D
aylor Garcia tan pобр' ogano
Que nunca tan pобр' outra molher vi,
Que, se non foss' o arcediano,
Non avia que deitar sobre si;
..... o daim
E por aquello que lh' antr' ambos dam
And' ela toda coberta de pano.



XLIV — **D. Affonso Sanches**

XLV, XLVI e XLVII — **Conde D. Pedro**

XLVIII e XLIX — **Elrei D. Affonso de Cas-
tella e Leon**

L — **D. Affonso XI.**



XXIV.

Gasco Martins, pois vós trabalhades
"E trabalhastes de trobar d'amor,
"Do que agora, por nostro Senhor,
"Quero saber de vós, que m'o digades.
"Dizede m'o, ca bem vos estará,
"Pois vos ésta por quen probastes já
"Morreu, por deus, porque probades"?

Afonso Sanchez, vós preguntades
"E quero-vos eu fazer sabedor;
"Eu trobo e trobei pela melhor

,Dona que deus fez; esto le ajades
,Esta do coraçon non me saltrá
,Sed' tendrei seu ben se mi o fará:
,E vós al de mi saber non querades.

,Vasco Martins, vós non respondedes:
,Nem entendo, assi veja prazer,
,Porque trobades, que ouvi dizer
,Que aquela por quem trobad' avedes,
,E que amastes vós mais d'outra ren,
,Que vos morreo, de gran temp' é; por en
,Pola morta trobar non debedes“.

,Afonso Sanches, pois non entendedes
,A que guisa vos eu fui responder,

,A mi en culpa non deveis poer;
,Mais a vós, se o saber non podedes:
,Eu trobo pela que m'en poder tem;
· · · · · · · · · · · ·
,Pois minha é, amo como o vedes.

„Vasco Martins, pois vos morre o por quen
„Sempre probastes, maravilho m'en
„Pois vos morre o, como non morredes“?

,Afonso Sanches vós sabede ben
,(Que o) que ama é com perda de sen:
,Apoz que probedes, sabeloedes“!





XXV.

Que muito bem me fez nostro senhor
Aquel dia en que m'el foi mostar
Húa dona que fez melhor falar
De quantas fez, e parecer melhor;
E o dia en que me a fez veer
E quiz alhi que foss' en seu poder
U me podia nunca mais vedar.

• • •

¶ Pois eu nunca d'outra ren sabor
Poss' atender, para me conselhar,
Mui ben posso con verdade jurar,
Pelos que dizen que an mal d'amor,
Que con verdade non podem dizer
Porque cuidan d'ÿ tomar gran prazer
O que a mi nunca pode chegar.

Nem sperança nunca poss' aver,
Com' outros an, d'algum ben atender;
Pois eu meu ben nunca posso cobrar.



XXVJ.

Tal saxon foi en que eu já perdi
Quanto ben houve, nem cuidei aver,
Que pár podesse a outro bem ser;
Mais ora mi guisou deus assi,
Que ú perdi tan gran ben de Senhor
Cobrei d'atender outro mui melhor
Em todo bem de quantos outros vi.

E quand' en outra sason perdid' eu
Aquel gran ben cogi, cuidei que non

Perdesse coita do meu coraçon;
Mais agrados tal senhor mi deu,
Que de bon prez e sen e parecer,
He mui melhor de quantas quiz fazer,
E quiz log' y que foss' en poder seu .

Húa d'enpedir aquela que amar
Sabia mais, que mi nen outra ren,
Non cuidava d'ante d'avet o ben;
Mais prugo a deus de mi o assi guisar
Que eu perdi aquela que amei
Y outra senhor mui melhor cobrei,
Que me faz deus servir e dezear.





xxvii.

Non quer' a deus por m'ha morte rogar
Nem por m'ha vida si a non m'ha mestor
E aquele que a rogar quixer
Por si o rogue, leix' a mi passar
Assi meu tempo, ca morte en durar
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.

E ja m' el tanto mal fez que non sei
Ren ú me possa cobrar disso; non

Sei, nem sôbe ren, nem sab' el razon
Porque me faça mais mal de quant' ei,
E pois eu ja tod' esto passei,
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prayer.

E bem nem mal nunca m'el já fará,
Pois m'el pezar contra gran coita deu
Que nunca prayer ar notará meu,

· · · · · · · · · · · · · · · · · ·

E pois por mi tod' esto passou já
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prayer.



xviii.

Quem da guerra levou cavaleiros,
A sa terra foi guardar dñeiros:
Non ven al Maio.

Quem da guerra se foi con maldade,
A sa terra se foi comprar herdade:
Non ven al Maio.

O que traxia o pano de linho,
Pero non veio polo San Martinho:
Non ven al Maio.

• • •

O que traga o pendon sentado,
Per quant' agora sei de su fado (?)
Non ven al Maio.

O que se foi comendo dos murtinhos,
E a sa terra foi bever os vinhos:
Non ven al Maio.

O que com medo fugiu da fronteira,
Pero ten já pendon sen caldeira:
Non ven al Maio.

O que roubou os Mouros malditos,
E a sa terra foi roubar cabritos:
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi con espanto,
E a sa terra se foi armar manto:
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi, con gran medo,
Contra sa terra espergendo, tredo;
Non ven al Maio.





xvix.

O que foi passar a serra,
E non quiz servir a terra,
E ora entraña guerra;
Que favoneia,
Pois el tan muito erra:
Maldito seja.

O que levou os diñeiros,
E non troux' os cavaleiros
Por non ir nos primeiros,
Que favoneia;
Pois que veio com os postumeiros:
Maldito seja.

O que filhou gran soldada,
E nunca fez cavalgada,
E por isso oj' agrada;
Que favoneia,
Se erra com' eu en a meznada,
Maldito seja.

O que meteu na taleiga,
Pouc' aver e muita meiga
E por non entrar na veiga;
Que favoneia,
Pois é mais mole que manteiga,
Maldito seja.





R.

*E*m um tempo cogi flores
Del mui nobre Paraíso:
Quitado de mis amores,
E del su tremoso riso!
E sempre vivo en dolores;
E já l' non puedo sofrir!
Mais mi valera la muerte,
Que en el mundo vivir!

Jo cum cuidado d' amores,
Vo.lo vengo en a dixer
Que es aquesta mi Señora
Que mucho desejo haver.

"En el tiempo en que solia
"Jo coger daquestas flores
"D' al cuidado non avia,
"Des que vi los sus amores:
"E non sé por qual ventura
"Me vino end' a falir;
"Si lo fiz' el mi pecado,
"Si lo fiz' el mal decir",

Jo cum cuidado d' amores
Vo.lo vengo en a dixer

Que es aquesta mi Señora
Que mucho deseo haver.

Non creades, mi Señora,
El mal dixer de las gentes
Ca la muerte m' es llegada,
(S) en ello parades mentes,
Ai Señora nobre ! Vossa
Merced vos vengo pedir :
Atended' a mi dolor,
E non me deixe's morir !

Io cum cuidado d' amores
Vo-lo vengo en a dixer
Que es aquesta mi Señora
Que mucho deseo haver.

„Io cogia flor das flores
„De que tu coger solias:
„Cuidado de mis amores!
„Ben sé lo que tu querias: . . .
„Dios lo pueste por tal guisa
„Que te lo pueda fazer: . . .
„Ante quisera mi muerte
„Que t' assistir a morrer“.

Io cum cuidado d'amores
Volo vengo en a dixer
Que es aquesta mi Señora
Que mucho deseo haver.



N O T A S.

I^a.

São verdadeiramente tres as variantes que se notarão na presente edição da cantiga do rei trovador que reproduzimos.

Lemos na 2^a estropha *destorvar e não de estorvar*, e no fim da 4^a *sinon do qu'*, em vez de *sinon no*. Igualmente não tivemos dúvida em acertar em *ou* a rima do 6º verso da 3º estropha, preferindo a sylaba *vou á m' ei*, que, segundo se verá das notas seguintes (veja principalmente as 38 e 46), fazia essa estropha não acorde com as outras tres.

II^a.

Em virtude da mesma lei não duvidamos considerar errado o 4º verso da 3ª estropha desta canção, o qual deveria rimar em *ãos*. Cremos que o trovador teria antes dito

„Outrosi donas e infangões“

e que algum copista mudaria esta palavra, julgando a outra de igual valor. Pareceu-nos porém que seria demasiada liberdade o tomar sobre nós o restituil-a no texto, e nos reservámos a propor daqui a emenda.

III^a.

No 3º verso de pag. XV deve talvez antes ler-se „*so lo*“ em vez de *sob' o*. Veja-se a canção XIII. A respeito da palavra *osmas*, que se lê no ultimo verso, pedimos a opinião dos eruditos. Sabemos que em linguagem da gira *osma* significa *chusma, bando*.

IV^a.

E' necessario confessar que Ayras Nunes, como clérigo, devia entender pouco de amores, quando acreditava que os namorados andam sempre „ledos, louçãos e sem cuidados“.

V^a.

Não respondemos pela exatidão da palavra *Ostel*, que se lê na 3^a estropha. Na 2^a estropha, julgamos faltar no manuscrito um verso, no logar que designamos pela linha de pontos.

VI^a.

Os versos da segunda estropha estavam mal separados no manuscrito, e postos em tres linhas, em vez de quatro.

VII^a.

A palavra *tuar*, que se lê no fim da 3^a. estropha, se encontra repetida mais

alguma vez no Cancioneiro, no mesmo sentido de *assegurar*, *defender* (tueor), em que a emprega tambem Berceo.

VIII^a.

O verso final de cada estropha

„E non quir' da caza sayr“

e' um verdadeiro estribilho, e deveria talvez escrever-se como tal, um pouco mais dentro que os outros.

IX^a.

Na nossa copia se encontra escripto „vos velidas et ug loadas“ sendo que em ambos os casos se deve ler *vós*. Prova da pouca importancia que ha que ligar á orthographia deste pronome, como dissemos na *Noticia Crítica*.

X^a.

Parece faltar alguma syllaba, talvez uma interjeicão, no primeiro verso da se-

gunda copla. Não a supprimos, porque nos ocorreu para isso mais de uma palavra, e não podíamos decidir-nos. O antepenultimo verso não duvidamos entretanto corregir juntando a syllaba *as* que não está no manuscrito, por omissão manifesta.

XI^a.

Os juizes competentes dissertarão sobre a palavra *ler* que aqui parece significar *estaleiro*.

XII^a.

Esta composição parece referir-se ao rio Salado, junto a Tarifa, onde se deu a batalha de 3 de Out. de 1340. Por esta circunstância a colligimos.

XIII^a.

A 1^a estropha desta canção, attribuida a Torneol, é quasi idêntica á 1^a da pagina XV, da trova III, ahí attribuída a Ayras

Nunes, clérigo; onde, como dissemos na nota 13^a, talvez melhor se leria *so lo* em vez de *sob o*, segundo se vê também na cant. XVIII. Seria plágio manifesto? Ou serão ambas as canções de um dos dois trovadores? Ha exemplo no Cancioneiro de ver-se atribuída a mesma canção, por acaso nelle copiada duas vezes, a dois autores diferentes, como sucede à XXXIII. desta collecção.

XIV^a.

A 5^a e 6^a copla se repetem no MS. e assim o deixamos.

XV^a.

Repetição da palavra *Ler* com a significação de estaleiro. Veja a nota 11^a.

XVI^a.

Accentuamos o *vós* na 2^a e 3^a copla, e deixamol-o sem acento na 1^a, parecendo-

nos ir de acordo com o trovador, salvo melhor juizo.

XVII^a.

Não conseguimos decifrar os breves do terceiro verso da segunda estropha. O ultimo da 3^a se acha errado na nossa copia, dizendo só „Eu non verei“; e julgamos que não podiam as duas syllabas que faltam ser outras, senão as que inserimos. No manu-scripto encontra-se mais uma quarta estropha, que não transcrevemos por não havel-a podido decifrar de modo que produza sentido.

XVIII^a.

Rayão é o mesmo que *arraião* ou murta. Quanto ao *so lo* veja o que dizemos na nota XIII.

XIX^a.

Não se poderam decifrar as palavras que vão em branco na terceira quadra.

XX^a.

Pareceu-nos que no fim do 2º verso da 3^a estrofha deveria antes ler-se *comigo* em vez de *amigo*, segundo está no MS., para evitar que esta palavra fizesse rima com *sigo* mesma.

XXI^a.

De Bernal do Bonaval diz, no mesmo cancionero, crei D. Alonso a Pero da Ponte, conceituando-o de mau trovador:

„Vós não trobadés com' proençal
Mais como Barnaldo de Bonaval
E por ende *non é trovador natural*“.

XXII^a.

Vejase a nota precedente.

XXIII^a.

Se diria que com o estribilho recorda o trovador á sua dama felizes momentos antes passados a olhar para as ondas.

XXIV^a.

Achamos no manuscripto repetida a quarta copla, 1^a de pag. LXX, porém, a nosso ver, foi isso engano de algum copista, e não proposito do trovador.

XXV^a.

Outro tanto não dizemos da repetição da 1^a estropha no fim desta outra cantiga.

XXVIII^a.

Esta cantiga de João Servando vem repetida no 2º gruppo dellas quatro paginas adiante, com variantes notaveis, principalmente quanto á 4^a que uma das vezes é inteiramente omittida, e á 1^a que se lê uma vez como a escrevemos e outra da seguinte modo :

„Donaes van a S. Servando
Mitriss (Hi tres?) oje en romaria

*Mais non quiseo mba madre
Que foss' eu hy este dia^u:*

estropha que parece mais de acordo com as outras, do que a do nosso texto, que alias preferimos, por adoptar nelle integra uma dellas.

No 4º verso da 2ª estropha lê-se

Que end eu fezesse a ida^u

O 3º tanto desta 2ª estropha, como da seguinte ha tambem uma pequena variante, que não tomamos em consideração, porque della resulta ficar o verso errado.

Deve advertir-se que no MS. o primeiro verso da 4ª estropha (que infelizmente se não repete para melhor se poder verificar) foi escripto com erro manifesto,

Nunca me mba madre mia^u

o que não faz sentido algum.

XXIX^a.

No 1º verso da 3ª copla se lêem no MS. mais duas letras, que omittimos, por

não fazerem sentido, nem as podermos interpretar por palavra alguma, sem produzir erro para o verso.

XXX^a.

A' invocação de *S. Marcos* não ha que ligar nenhuma importancia mais que a da rima com *Arcos*.

XXXII^a.

No 2º verso pode por ventura no MS. ler-se *Roy parcies*, bem que desta ultima palavra só as duas primeiras letras se achem mais distintamente escriptas. Não se trataria porem antes de algum *Roy Martins?* *Fernanda* se lê uma vez *Hernanda*.

Na 3ª estropha a reticencia depois da palavra *cada* não está no MS. Mas poderia ler-se *cadavez*, fazendo elisão em „*qu'*“.

A circunstancia de ser feita em Santarem, não e' sufficiente para a suppor contemporanea d'elrei D. Fernando, que fez dessa primeira villa sua Corte habitual. Ja

no tempo deste rei havia decaido o gosto pelos trovadores, e começava a primar o gosto pelos livros de cavallarias, taes como os da *Tarola Redonda* (†), *Tirante ao Blanco*, etc.

XXXIII^a.

Parece que a conjunção e no principio do estribilho, se deve suprimir, embora faça bom sentido. No codice da Vaticana começa logo o verso „Eu atendendo“. As reticencias foram por nós postas, pela mesma liberdade que declarámos tomar acerca de toda a pontuação.

XXXIV^a.

O mesmo dizemos a respeito das do penultimo verso desta satyra de Pereda. As que se encontram depois do 4º verso da 1^a e da 3^a estropha são igualmente nossas;

†) Para a nota 51 reservamos uma noticia de dois MSS. antigos deste romance.

pois, á vista da 2^a estropha, devem ahi faltar estes dois versos. No 3º v. da 3^a estr. se encontra o verbo *avidar*, cuja existencia foi negada pelo Sr. Diez. No proprio Cancioneiro, de letra mui diferente do de Lisboa, encontramos outra vez (c. 1053.) *avidasse*, e outra *avide* (Affonso Annes de Coton).

Do proprio modo como está empregado *Avidaria tolher d'el soydade* não se poderia ler aiudar ou ajudar, que pediria outra regencia grammatical. Aqui *avidaria* quer antes dizer *conviria*, *importaria*, etc.

XXXV^a.

Por *lirias no som* quereria o trovador significar o que hoje se exprimiria por *variações*, *modulações*, etc. Talvez dessa palavra proceda a hoje vulgar *lérias*, só applicada aos contos ou divagações fantasticas dos falladores.

XXXVI^a.

Ao ler Faro, imaginamos que Requeixo seria algum algarvio trovador. Se ha terra

na Galiza com esse nome, della se deve tratar: e o dito por não dito.

XXXVII^a.

Os tres ultimos versos foram quasi adivinhados, quem sabe se felizmente, de uma linha assim escripta:

Foguiu pertur' asconder.

XXXVIII^a.

Esta canção satyrica encontra-se duas vezes no Cancioneiro; e não só com erros manifestos ambas as vezes, mas com alguns versos inteiramente differentes, e, o que é mais, attribuida a 1^a vez a um trovador (Martim Moxa) e a segunda a outro (Lourenço Jograr). Assim os tres ultimos versos, para os quaes preferimos o texto attribuido a este segundo trovador, se encontram no texto attribuido a Moxa, e que se diz allusivo „a elrei D. Affonso (XI. provavelmente) e seus privados“, mui differentes, e taes que apenas os podemos ler do modo seguinte:

Pero de se dar, non se ganha em dar;
 E se non dár, non se pod' adubar,
 Al cab' privados queren que lhes deen.

O certo é que de qualquer das duas versões a estrofha resulta certa e com o mesmo acordo symmetrico das outras companheiras. (Veja a nota XLVI.)

Duas outras variantes se notam na 2^a estancia, uma no 1º verso, em que, atribuindo-a a Lourenço Jograr, se lê „non sei mais falar“, em vez de „non sei novelar“; e outra no 4º, em que em vez de „grandes muito“ se lê „a gente toda“.

No fim do 5º verso da 1^a estrofha pode-se ler n' um dos dois textos *gouvir* (*gosar*) em vez de *pedir*, lição que talvez deva ser preferida.

XLI^a.

Fremosas se lê no 3º verso da 2^a estrofha. Esta cantiga, que é a em que nos dois manuscripts se lê distinctamente *nena* em vez de *velida*, é uma das que mais trabalho nos deu para a restaurar, como dizemos na *Noticia* que precede, p. 46 e 47.

No 2º verso da 3ª copla repetiam-se as palavras „*do monte*“ depois da palavra *agua*. Ainda que todos conhecem a expressão de *agua do monte* applicada á das enchentes, supprimimos essas palavras, que fariam errar o verso, de acordo com o voto do digno Prof. Mussafia, mui competente em quanto respeita á poesia dos trovadores e que se dignou ajudar-nos a rever as provas deste trabalho.

Pelo que respeita ao fim da canção, preferimos a palavra *alho* que se acha no nosso M. S. a *alto* que se lê no de Roma(†), segundo Grützmacher. *Alho* ou *allo* poderia bem significar o mesmo que hoje *algo*. Cumpre-nos porém declarar que se o verso podesse ler-se

Nunca vi cervo que volves' a vado

†) Mais para que o leitor tenha uma ideia dos muitos erros em que abundam as copias tanto a Vaticana como de Madrid, do que com intento de censurar, apontaremos aqui algumas outras passagens, evidentemente erradas, das trovas transcriptas pelo mesmo Sr. Grützmacher

o sentido da ultima estropha resultaria com mais analogia ao das anteriores.

XLII^a.

Não podemos assegurar se esta composição se acha completa, ou se e' apenas a ultima estropha de outra maior. Damola somente por ser a 1^a do Codice, e ser-nos necessário fazer a ella referencia, como praticámos na pag. 11.

no Tom. 6º do *Jahrbuch für Röm. und Engl. Litteratur*, pag. 357 e segs'. —

Alfonso Sanches.

	onde diz :	deve ler-se :
vers. 9	<i>win dimga</i>	<i>viv' comigo</i>
" 11	<i>nenpeu</i>	<i>sempr' eu</i>
" 19	<i>peissen</i>	<i>per ren</i>

Stevam Coelho.

" 1º e 4º	<i>sugo</i>	<i>fuzo</i>
-----------	-------------	-------------

Conde D. Pedro.

" 4	<i>lhesta</i>	<i>lh' era</i>
" 7	<i>sperada</i>	<i>specada</i>
" 13	<i>hirando</i>	<i>tirando</i>
" 20	<i>pando esseo mer- pado</i>	<i>ficand' o esteo rompudo?</i>

XLIII^a.

Outro tanto dizemos desta que offerecemos somente pela circunstancia de rematar nella o grande Cancioneiro, e a ella nos devermos referir na pag. 14. Para a podermos publicar nos foi necessario supprimir parte do 5º verso, pela mesma razão que terão de ser suprimidas trovas inteiras, quando se venha a dar á luz todo o Cancioneiro.

XLIV^a.

A linha de pontos depois do 5º verso da 4ª estropha foi posta por nós na convicção de que ahí falta um verso, como se deprehende das tres estrophas anteriores, em vista do que exposemos nas notas 1, 38 e 46.

XLV^a.

Preferimos suprimir a 2ª estropha por não a conseguir copiada de um modo satisfatorio.

XLVI^a.

As tres estrophas desta cantiga do Conde D. Pedro apresentam uma verdadeira norma da regularidade e symetria na rima de que tratamos na nota 38^a.

XLVII^a.

A linha de pontos na 3^a estropha não está no M. S.; mas pozemol-a para designar que deve faltar ahi um verso.

XLVIII^a.

Depois da 3^a copla seguem-se mais duas que omittimos, por não termos podido nellas decifrar as palavras que deveriam ser mais caracteristicas.

XLIX^a.

Tanto esta canção como a precedente, e ainda mais outra em que lemos as estrophas

Dom João quando ogāo aqui chegou
 Primeýrament', e viu posta a guerra,
 Tan gran sabor ouve d'ir a sa terra,
 Que logu éio por adail filhou
 Seu coraçon, e el fez lh' y leixar,
 Polo mais toste da guerr' alongar,
 Poç en esforço, e passou a serr'a.

E en esto fez come de bon sen,
 En filhar adail que conhecia,
 Que estes passos máos ben sabia,
 E el guardou logu' enton mui ben
 Des y, e fez lide desto leixar

.

Da fronteira e en tal guerra leixar seu señor :

.

Muito foi ledo, se Deus me perdon',
 Quando se viu d' aquelles passos fóra,
 Que vos ja dix', e diss' em essa ora:
 Par Deus, Adail, muit' ei gran razon
 De sempre vós m' afazer d' aleixar;
 Ca (eu) non me move deste logar
 Se jamais nunca cuidei passar l' ora.

E ao demo non á comendar
 Prz' deste modo en armas e lidar
 Ca non é jogo de que omen chora,

parecem mais referir-se á época de Alonso XI, do que á de Affonso o Sabio, aquem Wolf não duvidou attribuir-as, bem como outras dezesete mais que no grande Cancioneiro da Vaticana se dizem de "elrei Dom Affonso de Castella e Leon."

A razão unica que teve para isso Wolf, seguido pelo Sr. Diez, foi o vir logo

depois no Cancioneiro designado Alonso XI., autor da canção Castelhana que publicamos sob o num. L., pelo seu honroso titulo de “vencedor de Benamarim a par de Tarifa”.

Deve porem notar-se que o collector, quando nomeia segunda ou terceira vez os mesmos trovadores, nem sempre os designa do mesmo modo. Assim umas vezes lhes tira o dom, outras vezes lhes accrescenta o titulo ou o emprego etc. etc.

Quanto a nós, só um estudo mais aprofundado do assumpto dessas vinte poesias é que melhor poderá descobrir qual dos dois Affonsos deve ser considerado seu autor; e inclinamo-nos a crer que, no numero das vinte, ha poesias de um e de outro rei; e que devem attribuir-se antes a Alonso XI. as duas que damos no texto e as estrophas transcriptas no principio da presente nota. Todas nos parecem reduzir-se a queixas deste ultimo rei contra o seu alferes Dom. João Nunes de Lara, quando o deixou sobre

Gibraltar, com pretesto de ir buscar novos reforços, e se foi a Castella revoltar-se; a ponto de obrigar o rei a fazer uma paz menos vantajosa com os Mouros, e fim de ir cercal-o e rendel-o (em Lerma). Parece-nos que de semelhante opinião serão os que compararem o teor destas tres composições, bastante características, com a *Chronica Rimada* de Rodrigo Annes, impressa, infelismente com algumas sensíveis erratas †), no fim do tom. 57 da colleção estereotypica de Ribadeneyra.

†) Aqui apontaremos algumas que, revendo-se de novo o M. S., se poderão corrigir na estereotypia:

Copla 361. — *Tera* será provavelmente *Heza*:

- „ 496. — *Porto Carnero* lêa *Porto Carrero*:
- „ 535. — *Con Johan* „ *Don Johan*:
- „ 1102. — *vicio* „ *juicio*:
- „ 1339. — *Penna de Ciervo* lêa *Penna de Cuervo*, como na 1410.
- „ 1457. — *Io fare'* lêa *Io saré*;
- „ 1717. — *I van ferindo* „ *I va feriendo*;
- „ 1743. — *Nin* lêa *Mñ* (Martin Fernandez de Gerez).
- „ 1862. — *Que mal* lêa *Que val*;
- „ 2317. — *Oteando* „ *Ojeando*.

L^a.

Esta canção é sem a menor dúvida atribuida a Alonso XI., e foi publicada mui errada (tal como se acha no codice da Vaticana) pelo Sr. Wolf, e depois em parte restaurada pelas observações que a ella fez o Sr. Diez, de quem nos separamos ao dizer nos versos 7º, 18º, 31º e 44º *valera, vino end' a falir, atendede et assistir*; quando o mesmo Sr. Diez propõe *valiera* (Castelhano de hoje), *vino a de falir, entendede, e t' assivea ou t' assi veja...* A primeira destas palavras talvez se podia ler *valya*.

LI. (Veja pag. 152).

Se hoje se começa a crer perdido o texto portuguez de *Amadis de Gaula*, não podemos dizer outro tanto de todo o texto antigo do livro dos *Cavaleiros da Tavola Redonda e demanda de Santo Greal*.

Da parte deste que respeita a Lançarote existe uma versão livre contemporanea de D. João Iº, na Bibliotheca Imperial desta Corte, escripta em pergaminho e com o maior esmero possivel, e facil será obter della uma copia.

Não contem, é verdade, o principio; mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da novella, com circunstancias que não se encontram no texto francez, apesar de citado pelo escriptor. .

Serviço grande faria ás letras portuguesas a corporação ou o litterato que tomasse a si a publicação de tão curiosa livro, que virá reparar em parte a perda do texto antigo.

A cerca do Santo Greal tivemos occasião de ver, ha uns 24 annos, em Lisboa outro manuscrito intitulado: „*Livro de Josep abaramatia Intitulado a premeiro parte da demāda do Sāto grial ata a presēte idade nunca vista treladado do proprio*

*original por ho doutor Manuel Alvèz
corregedor da Ilha de Sā Miguel Deregidó
ao muy alto e poderoso principe el Rei
Dom João ho 3º deste nome Elrrei nosso
Sñor.“*

Neste livro se trata muito de Vespasiano †) e de Tito e de sua influencia na conquista de Santo Greal. Pertence ao mesmo cyclo do

†) Daremos aqui os assumptos de alguns capítulos de que tomamos nota:

- Cap. 4. — Como o Emperador perguntou se J.-C. creia nos idолос.
- " 5. — Como o Emperador enviou buscar as reliquias de J.-C. pelo seu mestre-sala (Gays).
- " 21. — Como Vespasiano.... foi gafo.
- " 23. — Como a Veronica veio a Roma, e como Vespasiano foi são etc.
- " 25. — Vespasiano, havendo promettido não queimar nem enforcar os Cai-fás, o manda meter em uma barca à ventura.
- " 27. — Baptisa-se Vespasiano.
- " 28. — Pilatos na prisão.
- " 22. — E' condemnado ao Diabo.

famoso livro impresso em 1496 (unico exemplar conhecido e infelismente incompleto) da Biblioteca Publica de Lisboa, chamado *Istórea do Imperador Vespasiano*.

Na dedicatoria do manuscripto se lê :

“ Com esta ousadia comecey a tresladação do presente livro que a V. A. hofereço. O qual euachei em Riba Damcora em poder de húa velha de muy antigua idade no tempo que meu pay C^{or} de Vossa Corte servia V. A. de C^{or} Dantre Douro e minho. O qual livro segundo por elle parece he spto em pergaminho e iluminado E a caise de dozentos annos que foi spto trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas como V. A. por elle veraa“.

Conclue (na folha 311 v.) com esta notavel declaração que bem podera ter sido inventada :

„Este livro mandou fazer João Sanches mestre escolla d'Astorga no quinto ano que o estudo Coimbra foy feito e no tempo do

papa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez o concilio geral em Viana e pos ho entredicto em Castela e neste ano se finou a rainha dona Costança em São fagundo e casou o Imfamte Dom Felipe com a filha de Dom Aº. ano de 13 bij anos.“

O M. S. da Tavola Redonda existente em Viena consiste (sem principio) em parte do “*Conto ou Romanço de Lançarote*“ tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto.

Parece que o codice, que é um volume grosso, fazia parte de uma colleção maior, comprehendendo o *Brado de Merlim*, e *Estoria de Tristam*.

Não tivemos occasião de examinar o *Memorial da Segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos; mas julgamos mui provavel que, se bem se tratará ahí tambem de Lançarote, a sua redacção foi feita sem influencia deste M. S.

Bem entendido: que estamos persuadidos que a novella de Jorge Ferreira será uma verdadeira continuaçōo das antes conhecidas da Tavola Redonda, e que se ocupará mais particularmente dos triunfos de Sagramor, amigo de Tristam.

Seja como for o manuscripto de Vienna, que melhor descrevemos em um trabalho separado (*), é da maior importancia como fiel amostra da linguagem litteraria portugueza no seculo 14º. — Ahi se vê mui usado o ren e o en, no mesmo sentido em que os trovadores os usavam.

(*) „Da litteratura dos Livros de Cavallarias“, especialmente em Portugal: Vienna, 1 vol. in 16º.

F I M.

Advertencia.

Além dos melhoramentos que leva a Lista alfabetica dos Trovadores, publicada na Noticia Critica preliminar, e de várias correcções feitas, incluindo uma na Trova ~~xxxx~~, juntaremos aqui (nas duas paginas seguintes) em beneficio dos leitores, o competente Indice deste Cancioneirinho.

24

Na pag. 152, em logar de Tirante o Branco (assim deve ler-se) entenda-se um- etc.

Indice.

	Pagina
Noticia Critica	3
Lista alfabetica dos Trovadores do Cancioneiro da Vaticana	35
Trovias:	
1 de Elrey D. Denis	V—VII
2 de João, Jogral	VIII—X
3, 4, 5 Ayras Nunes, clérigo . . .	XIII—XX
6, 7, 8 João Ayres	XXI—XXVIII
9, 10, 11 e 12 João Zorro .	XXXI—XXXVIII
13, 14, 15 e 16 Nuno Fernandes Torneol	XL—I—XLIX
17 e 18 Pero Gonçalves de Porto Carreiro	L—LIII
19 e 20 Fernão Rodrigues de Calheiros	LVII—LXI
21 e 22 Bernal de Bonaval . . .	LXII—LXVI
23 e 24 Martin de Vigo	LXVII—LXX
25 Pero d'Ornellas	LXXIII—LXXIV
26 Pay Soares	LXXV—LXXVI

	Pagina
27 Pedro Garcia Burgales	LXXVII—LXXVIII
28 João Servando	LXXIX—LXXX
29 João de Cangas	LXXXI—LXXXII
30 Ruy Paes de Ribela	LXXXIII—LXXXIV
31 Martin Pedrozelos	LXXXVII—LXXXVIII
32 Estevan Hernandes Bereto	LXXXIX—LXL
33 Meendinho	LXLI—LXLIII
34 Pereda	LXLIV—LXLVI
35 Juyão Bolseiro	LXLVII—LXLVIII
36 João de Requeixo	LXLIX—C
37 Martin Moxa	CIII—CVII
38 ? ?	CVIII—CIX
39 Lourenço jograr	CX—CXI
40 Pero de Viviães	CXII—CXIII
41 Pero Alcobo (?)	CXIV—CXV
42 Fernam Gonçalves	CXVI
43 Pedro Amigo	CXVII
44 D. Alfonso Sanches	CXXI—CXXIII
45, 46 e 47 Conde D. Pedro	CXXIV—CXXIX
48 e 49 Elrey D. Aff. de Castella e Leon	CXXX—CXXXII
50 D. Affonso XI de Castella	CXXXV—CXXXVIII
Notas	141

—C88888C—

